



**CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO**  
**4º GV CLAUDIO FONSECA**

PL 51/2010

## **JUSTIFICATIVA**

Apresentamos o presente Projeto de Lei para alterar a denominação da Escola Municipal de Educação Infantil de Paraisópolis I jurisdicionada à Diretoria Regional de Educação de Campo Limpo para Escola Municipal de Educação Infantil Roberto Burle Marx a pedido da comunidade escolar por questão de homonímia.

No bairro de Paraisópolis, Vila Andrade, existem várias instituições de ensino com o mesmo nome como o Céu EMEI Paraisópolis, Céu Cei Paraisópolis, Céu EMEF Paraisópolis, Cei Indireta Paraisópolis e a EMEI Paraisópolis I, que propomos alterar a denominação.

Por questão de homonímia ou semelhança de nome, a EMEI Paraisópolis I tem passado por diversas situações e ocorrências como troca de correspondências e outros documentos de interesse da unidade escolar.

Segue em anexo a biografia de Roberto Burle Marx, assim como todo o processo de discussão da comunidade da EMEI Paraisópolis I envolvendo pais, alunos e profissionais de educação que culminou na escolha de Roberto Burle Marx para vir a ser o novo patrono da EMEI Paraisópolis I.

Com essas razões, a propositura está em termos de ser apreciada e aprovada por esta Colenda Casa de Leis.

  
**Cláudio Fonseca**  
**Vereador**

Prefeitura Municipal de São Paulo  
Secretaria Municipal de Educação  
Diretoria Regional de Educação de Campo Limpo  
EMEI Paraisópolis I

Rua Irapará, 150 - Paraíso do Morumbi – Distrito Vila Andrade – CEP: 05706-300

São Paulo – SP – Fone: (011)3742-1007

e-mail: [emeiparaisopolis@prefeitura.sp.gov.br](mailto:emeiparaisopolis@prefeitura.sp.gov.br)

**Assunto: Mudança da Denominação da EMEI Paraisópolis I para EMEI Roberto Burle Marx**

**JUSTIFICATIVA:**

Nós, da comunidade escolar da EMEI Paraisópolis I, desejamos a ***Mudança da Denominação da ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL PARAIÓSÓPOLIS I criada pelo Decreto nº 48.153, de 21/02/2007, DOC de 22/02/2007, com início de funcionamento em 01/04/2008***, situada na Rua Irapará 150 – Paraíso do Morumbi – CEP 05706-300 - V.Andrade - São Paulo – Capital, SP, jurisdicionada à Diretoria Regional de Educação de Campo Limpo, ***para ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL ROBERTO BURLE MARX***, mediante as seguintes justificativas.

- 1- No bairro de Paraisópolis, Vila Andrade, existem várias instituições de ensino com o mesmo nome como o CÉU EMEI Paraisópolis, CÉU CEI Paraisópolis, CÉU EMEF Paraisópolis, CEI INDIRETA Paraisópolis e a nossa escola EMEI Paraisópolis I. Por questão de homonímia ou semelhança de nome, a nossa escola tem passado por diversas situações e ocorrências como troca de correspondências pelo CORREIOS, pelos diversos setores da Diretoria Regional de Educação, outras escolas e de fornecedores de materiais em relação ao expediente, recepção de documentos dos servidores expedidos por diversos órgãos, entrega de mercadorias relacionadas à questão pedagógica, administrativa, manutenção e conservação da escola; atendimento ao público em relação às informações gerais do sistema escolar; acompanhamento dos filhos pelos familiares (ao levar e buscar a criança ao término do período escolar) e entre outros;  
Está previsto para o ano de 2010 o funcionamento da EMEI Paraisópolis II, de modo a atender a demanda de educação infantil da região, por ter o mesmo nome, pode ampliar as dificuldades já descritas.
- 2- A EMEI Paraisópolis I está situada numa região de Paraisópolis denominada de “Grotão”, área mais recente de ocupação de moradias e área socialmente mais pobre. Atualmente a região de Paraisópolis tem recebido novos investimentos de infra-estrutura urbana, como construção de moradias (CDHU), ETEC (escola técnica), canalização, pavimentação, avenidas, praças, centro de convivência e novas escolas públicas, pelas diferentes esferas de governos.

No caso da área do “Grotão” o processo de urbanização ocorre de forma mais lenta, comparada à área do “Grotinho”, uma outra região próxima, onde se localiza o CEU Paraisópolis, a ETEC, a praça de convivência, diversas ONGs, circulação de ônibus, prestação de serviços em geral. No entanto, a EMEI Paraisópolis I está cercada pelo Cemitério do Morumbi e do Parque Burle Marx, que têm sido referência da comunidade escolar, sendo que a maioria dos nossos alunos, familiares e funcionários residem na área do Grotão. Apesar do planejamento urbano ter chegado a Paraisópolis, ainda levará tempo para que toda a área geográfica possa ser atendida plenamente no que se trata da inclusão social, sobretudo os moradores que residem no Grotão. Inclusive, a área é de difícil acesso aos profissionais de educação, aos alunos e seus familiares à EMEI Paraisópolis I. De modo a valorizar a construção da EMEI Paraisópolis I, que foi entregue à comunidade escolar em abril de 2008, a partir das reivindicações e da própria história das famílias do Grotão, a importância do Parque Burle Marx tem sido uma referência para as crianças e seus familiares, uma vez que o mesmo está muito próximo da escola, por usufruírem dos recursos (fauna, flora, jardins, centro de pesquisa, etc.) ai presente e o próprio entretenimento realizado nos finais de semana.

Foram diagnosticados pela escola, por meio de trabalhos pedagógicos/ projetos ambientais da escola com as crianças e o atendimento cotidiano aos familiares, que a referência do Parque Burle Marx, valoriza a identidade das pessoas presentes na Paraisópolis e o patrimônio natural e cultural que circundam a escola. A comunidade sabe que o Parque Burle Marx é o eixo de integração e/ou da união das pessoas no momento em que elas trocam suas experiências culturais e mantém os objetivos voltados para um grande desafio do presente e do futuro: **“Respeitar e Cuidar da Comunidade de Vida”**, sedimentados nos propósitos – formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros; reconhecer que todos os seres são integrados e cada forma de vida tem valor, independentemente do uso humano; integrar na educação formal e na aprendizagem ao longo da vida os conhecimentos, valores e habilidades necessários para um modo de vida sustentável e o despertar de uma nova consciência pelo interesse pelo patrimônio natural comum da vida e da humanidade, pode reverter o agravamento da pobreza e da degradação do ambiente.

Tudo que existe e vive precisa ser cuidado para continuar a existir e a viver: uma planta, um animal, uma criança, um idoso, o planeta Terra. Uma antiga fábula diz que a essência do ser humano reside no cuidado. O cuidado é mais fundamental do que a razão e a vontade.

Por essas razões expostas, a EMEI Paraisópolis I reuniu com a sua comunidade escolar para discutir, debater, refletir e fazer proposições para o novo nome do patrono da escola. Os encontros ocorreram nos Conselhos de Escola, através das Reuniões Ordinárias, nos dias 30/06/09 (4ª Reunião), 28/07/09( 5ª Reunião) e

30/09/09 (7ª Reunião), onde foram sugeridos os nomes de Roberto Burle Marx – que foi desenhista, pintor, tapeceiro, ceramista, escultor, pesquisador, educador ambiental, cantor e criador de jóias e José Paulo Paes – ensaísta e poeta.

A EMEI Paraisópolis I fez pesquisas biográficas dos dois nomes propostos de forma a privilegiar e respeitar as obras de Burle Marx e José Paulo Paes a serem apresentadas por toda a comunidade escolar. Durante duas semanas foram expostas no pátio interno da escola as principais obras dos dois possíveis patronos. As professoras, a partir de rodas de conversas, apresentaram aos seus alunos a história e as obras dos patronos, favorecendo que as crianças, apesar da faixa etária de 4 a 6 anos de idade, pudessem em seguida participar do processo eleitoral da escolha do novo nome da escola.

Após o contato da comunidade escolar com as biografias dos nomes, a EMEI Paraisópolis I, realizou as eleições nos dias 29/09/09 para os alunos e no dia 30/09/09 para os familiares dos alunos, equipe gestora, professores e funcionários. As cédulas foram desenvolvidas com os seguintes símbolos: Roberto Burle Marx – figura ÁRVORE e José Paulo Paes – a figura Livros, uma vez, que nossas crianças ainda não têm o domínio pleno da escrita e da leitura. Isso valeu também para alguns pais dos alunos. Após todos os segmentos da escola terem participado das eleições, realizaram-se as apurações, obtendo os seguintes resultados: **Segmento Equipe Gestora** – Roberto Burle Marx – 21 (vinte e um) votos e José Paulo Paes 03 (três) votos; **Segmento Professores** – Roberto Burle Marx – 16 (dezesesseis) votos e José Paulo Paes – 09 (nove) votos; **Segmento Pais / familiares:** Roberto Burle Marx – 325 (trezentos e vinte e cinco) votos e José Paulo Paes - 105 (cento e cinco) e **Segmento Alunos:** 332 (trezentos e trinta e dois) votos e José Paulo Paes - 90 (noventa) votos. **Total Geral da votação: Roberto Burle Marx – 694 (seiscentos e noventa e quatro) votos e José Paulo Paes – 207 (duzentos e sete) votos.**

Roberto Burle Marx teve nas crianças o seu grande eleitor com 332 votos. Esse resultado sugere que elas perceberam a importância do trabalho do artista conservacionista da Natureza. Podemos considerá-lo como o patrono, um grande educador ligado à preservação e valorização do Verde nos grandes centros urbanos cobertos pelo asfalto.

Para validar oficialmente o nome do novo patrono EMEI Roberto Burle Marx, os conselheiros do Conselho de Escola reuniram-se em Assembléia Extraordinária para registrarem o processo eleitoral na ata do livro Conselho de Escola para em seguida ser encaminhado toda a documentação à Câmara Municipal de São Paulo, encabeçado pelo Vereador Prof. Claudio Fonseca, pertencente ao partido do PPS – Partido Popular Socialista, para que seja elaborado o PL – Projeto de Lei.

Burle Marx sempre ressaltava que não era botânico, mas tinha um grande interesse pela pesquisa das vegetações brasileiras. Admitia que sua **prática profissional de educador ambiental e artística** conferiu-lhe enorme conhecimento sobre a floresta tropical. A partir da sua atuação de pesquisador passou a conhecer as espécies brasileiras – a floresta amazônica, o cerrado, a caatinga, o Pantanal – e sobre características morfológicas e funcionais das plantas, bem como sobre seus desenvolvimentos e necessidades.

Impulsionado pela vontade de descobrir novas plantas, Burle Marx realizava expedições por diversas regiões do Brasil. – muitas vezes em companhias de botânicos, com os quais mantinha uma relação bastante próxima. O contato com ambiente natural das plantas e em seguida pelo paisagismo o tornou um grande educador ambiental, na qual passou a desenvolver palestras, conferências, oficinas educativas sobre paisagismo, desenho, pintura e natureza para diversos jovens e artistas brasileiros.

A devastação dos recursos naturais era uma constante preocupação do paisagista, tendo sido ele um grande pioneiro na denúncia do desmatamento e da pouca racionalidade no uso dos recursos. A consciência ecológica aguçou-lhe no decorrer de sua vida. Por isso, acreditava e defendia que a preservação da natureza deveria ser introduzida na primeira infância e sua extensão na vida adulta. Isso só pode ocorrer pela **educação formal**. Sobre essa questão, executou inúmeros trabalhos, concedeu entrevistas, depôs no Senado, implantou viveiros de diferentes espécies de plantas de **acesso ao público e aos estudantes, de modo a favorecer conhecimento botânico, artístico e estético**. Ao aproximar o público das suas obras e pesquisas, apontava que o paisagismo deve atender a “uma necessidade estética que não é luxo nem desperdício, mas necessidade absoluta da vida humana, sem o que a própria civilização perderia sua razão estética”.

Para Burle Marx, o jardim planejado deve estabelecer uma constante mediação com a paisagem existente, seja em termo de eco de formas, cores, espécies, sejam de contrastes – quando opta por grandes superfícies de grama e plantas de pequeno porte em região cercada de florestas – ou ainda de refúgio, ao criar um micro-clima dentro de uma cidade ou de um meio inóspito. Para formar um jardim, Roberto não considerava somente as plantas, mas também pedras, lagos, cursos e quedas d’água, a dinâmica dos animais que ali vivem, empenas de granito, esculturas e pisos de pedras portuguesas. Considerava essa dinâmica muito presente no **imaginário infantil, onde as crianças costumam dar vidas às coisas presentes na natureza durante as suas brincadeiras**. Por isso, defendia que a educação é primordial na formação da criança, onde poderá explorar suas hipóteses, curiosidades, desejos, emoções, alegrias... ao tomarem contato com as coisas presentes na natureza e criar elementos novos nos espaços.

Nesse sentido, o recurso que utilizava era para lançar um grito de alerta a favor da natureza, de sua preservação, é a própria natureza, que para ele constitui uma forma de catarse, que conduz à compreensão dessa própria natureza. Ele via o jardim como um lugar onde se estabelece uma relação especial entre o homem e a natureza. Essa idéia, no entanto, não está baseada numa reivindicação nostálgica ou romântica. Ele utilizava do seu próprio conceito de natureza para definir o jardim enquanto modelo da coexistência pacífica entre várias espécies, um lugar de respeito pela natureza e pelo "outro", pelo diferente; um meio de consciência de uma existência na verdadeira medida do homem, do que significa estar vivo. Resumindo, um instrumento de prazer e um meio de educação. O jardim ordenado nas cidades era, portanto, um convite à recuperação do tempo real da natureza das coisas, em oposição à velocidade ilusória das normas da sociedade de consumo.

O enfoque do jardim enquanto *meio de educação* tinha sentido para ele numa sociedade predadora, sem recursos, como a brasileira na qual o espaço coletivo poderia induzir os indivíduos a preservar o que era de todos. Ele também relacionava a falta de conhecimento com a falta de apreço pelo patrimônio natural. Neste sentido, através da paisagem construída, poder-se-ia, segundo ele, trazer aos habitantes o *conhecimento das riquezas naturais* do país e ao mesmo tempo ajudar a perpetuar espécies ameaçadas de extinção.

Mas a idéia de que a relação do homem com a natureza era caracterizada basicamente pela violência, constituía para ele uma verdade parcial. Considerado como ser coletivo, o homem, o indivíduo, segundo ele, paciente e diariamente refazia os frágeis elos que ligam a sociedade à natureza. Criava animais, plantava flores, buscava as florestas para descansar de um trabalho cansativo, amava o mar, as montanhas, os rios. Atitudes para ele minúsculas, toscas ou inclusive grosseiras, e comparadas ao nível avassalador da destruição.

Sua experiência também lhe tinha ensinado que era necessário insistir muitas vezes para provocar uma *mudança de valores, uma nova ética ambiental*. A sua atitude também tinha um aspecto projetivo em relação ao futuro, ele queria ensinar que houve alguém preocupado em deixar uma herança valiosa para os seus conterrâneos. Durante a sua participação em fóruns, conferências, simpósios e oficinas de arte e jardinagens, defendia a importância da educação na vida das crianças através dos propósitos abaixo:

#### **Ensinar e aprender:**

- 1- **Se você quer conhecer a natureza perceba como ela é formada por vários tipos de ambientes. Todos os elementos presentes nela têm suas particularidades e relações em si. Para entendê-la é preciso valorizar o conhecimento. A escola pode desde muito cedo ajudar as crianças a**

experimentar as coisas presentes na natureza para perceber e preservar todas as vidas;

- 2- As ações educativas, como a da natureza preventiva, precisa ser alargada a toda sociedade. A educação é de responsabilidade de todos. Por meio da educação e do conhecimento, a sociedade promoverá a mudanças de cultura de destruição para manutenção e/ou preservação da natureza, na convicção, na responsabilidade, na construção de atitudes éticas para uma nova realidade;
- 3- O ponto de partida é a criança que, além de muito receptiva, é possível ela ser agente multiplicadora e cuidadora por natureza. Ela costuma levar para casa o que aprendeu na escola e cobra dos seus familiares essas posturas. Nesse cenário, a educação formal desenvolve um importante papel, pois é na escola e na família que se formam cidadãos, se desenvolvem valores éticos e morais, se orienta e estimula responsabilidade e consciência;
- 4- A arte, com a presença da forma, da cor, da textura, do ritmo, estimula a criança a desenvolver suas percepções, imaginações, curiosidades e manipulações das coisas presentes na natureza;
- 5- Propiciar à criança a observar o meio ambiente da escola e do seu bairro para estimulá-la a compreender e entender a relação humana com a natureza;
- 6- Permitir que as crianças vivenciem os jardins, as praças, os parques, para compreenderem o patrimônio que possuem. Fazê-las plantar, compreender a importância das árvores, ensinar-lhes a não mutilá-las. Mostrar-lhes a importância das associações de plantas, da ecologia. Ensinar-lhes a coletar sementes, semear, plantar as pequenas mudas, ter amor por elas, para que possam medrar. Que passem a ver plantas como seres vivos, que têm o direito de crescer, florindo, frutificando, inculindo nelas a importância da perpetuação, a maravilha da expectativa de uma formação de botões, desabrochando em floração. Ensinar-lhes a observar a riqueza do fenômeno – às vezes feita por abelhas, outras por pássaros, pelo vento ou pela água;
- 7- Propiciar que a criança conheça os parques, as praças, os jardins, institutos / jardins botânicos, pode contribuir muito no cuidado e na preservação do meio ambiente, inclusive ajudá-la a discutir, respeitando a sua faixa etária, sobre sociedade de consumo, industrialização e as contradições nas relações entre o homem e a natureza;
- 8- Cada Estado deve construir o seu horto. Permitir que as escolas, as comunidades possam conhecer o plantio das espécies valiosas da sua região e de outras. Esses hortos deverão possibilitar experiências de campo da

botânica aplicada, selecionando as espécies, fazendo estudos das funções particulares das plantas e árvores;

- 9- Incubem a todos e a cada um a realização do bem comum, que é dever coletivo e individual. Não há como se eximir. Cada qual no seu campo de atuação como profissional, e na vida como cidadão(ã), responsável pelo presente e futuro, pela herança que será deixada para as gerações que estão por vir;

Milhões de pessoas penetram, diariamente, a obra de Roberto Burle Marx. Apercebido ou não, quando passamos pelo Aterro do Flamengo ou pela Avenida Atlântica, no Rio de Janeiro, pelo Parque do Ibirapuera, em São Paulo ou pela Pampulha, em Belo Horizonte, por dezenas de parques e jardins públicos que ele projetou mundo afora, estamos em contato com a obra constante do artista múltiplo: com conhecimento de cientista, *alma de ambientalista, precisão de urbanista*. E um amor de jardineiro pelas plantas, sua matéria-prima.

Burle Marx afirmava que seus projetos paisagísticos poderiam modificar a paisagem da cidade – *“O paisagista está sempre subordinado ao urbanista. Sem compreender as necessidades de uma cidade e, principalmente sem compreender as funções das áreas verdes, o paisagista não poderá realizar jardins. No projeto do Parque do Ibirapuera, realizei muitas experiências plásticas com pavimentos e vegetação. O Aterro do Flamengo foi uma experiência com plantas resistentes à salinidade, ao vento. Acredito que sem técnica não se chega a um bom resultado. Uma flor, por exemplo, tem uma simetria, obedece a certos princípios como a cristalização. O mesmo ocorre com os jardins. O jardim é uma natureza organizada pelo homem e para o homem. Disciplina muitas vezes ajuda a chegar a um resultado”*.

Na obra de Burle Marx, a beleza tem função no mundo real, não é um mero reino utópico idealizado. A concepção de beleza estendeu-se do puramente visual para o operacional, e emerge com mais pungência como instrumento de maiores ambições sociais e ecológicas. Ao longo da sua carreira defendeu com igual intensidade os motivos estéticos, sociais e ecológicos que formam a base do seu trabalho, e lutou incansavelmente os motivos contra a destruição insensata do ambiente tropical. Dentro desta agenda mais ampla, a beleza foi usada por seus efeitos “de destruição”, isso é, a crença de que gerar e permitir a apreciação da natureza dentro do contexto de um parque urbano teria o efeito de ampliar ainda mais essa apreciação, no sentido de proteger o ambiente natural. A representação de plantas nativas dentro de um contexto de uma prática artística e num ambiente urbano era um ato social e ecológico. Um ato social, porque, através do desenho, ele tornava disponível uma quantidade significativa de conhecimento sobre o ambiente, de outro modo inacessível à maioria dos moradores urbanos. Um ato ecológico, porque ele via parques, e suas sementeiras, como lugares onde, em última instâncias espécies vegetais em risco de extinção seriam preservadas e protegidas.



Como Lúcio Costa (arquiteto) bem sintetizou, Roberto Burle Marx foi um humanista que, embora em consonância com a contemporaneidade, tinha raízes que bebiam nas fontes da Renascença. Sua atenção esteve sempre voltada para a **capacidade de criar ou transformar o meio social a partir de ensinamentos** só ao alcance daqueles que, livres de condicionamentos históricos ou de verdades estabelecidas, procuram vislumbrar novas proposições, novas oportunidades.

É emocionante descobrir, na trajetória de Burle Marx, um gênio do modernismo, que se dedicou a tornar nossas cidades – logo, nossas vidas – muito mais belas e agradáveis.

## BIOGRAFIA

**Roberto Burle Marx nasceu em** São Paulo em 04 de agosto de 1909 e **morreu no** Rio de Janeiro, 4 de junho de 1994. Foi um artista plástico brasileiro, tendo ganho renome internacional ao exercer a profissão de arquiteto-paisagista. Morou grande parte de sua vida no Rio de Janeiro, onde estão localizados seus principais trabalhos, embora sua obra possa ser encontrada ao redor de todo o mundo.

Era o quarto filho de Cecília Burle (de origem pernambucana e francesa) e de Wilhelm Marx, judeu alemão, nascido em Stuttgart e criado em Trier (cidade natal de Karl Marx primo de seu avô).

A mãe, exímia pianista e cantora, despertou nos filhos o amor pela música e pelas plantas. Roberto a acompanhava, desde muito pequeno, nos cuidados diários com as rosas, begônias, antúrios, gladiolos, tinhorões e muitas outras espécies que plantava no seu jardim. Com a ama Ana Piascek aprendeu a preparar os canteiros e a observar a germinação das sementes do jardim e da horta.

O pai era um homem culto, amante da música erudita e da literatura européia, preocupado com a educação dos filhos, aos quais ensinou alemão, embora se dedicasse aos negócios, como comerciante de couros, num curtume que mantinha em São Paulo.

### **Mudança para o Rio de Janeiro**

Quando os negócios começam a ir mal em São Paulo, seu pai resolve mudar-se para o Rio de Janeiro em 1913. A família vive um tempo em casa de familiares e quando a nova empresa de exportação e importação de couros de Wilhelm Marx começa a ter resultados positivos finalmente se mudam para um casarão no Leme. Neste casarão, Burle Marx, então com 8 anos, começa a sua própria coleção de plantas e a cultivar suas mudas.

## **Período na Alemanha**

Aos 19 anos, Burle Marx tem um problema nos olhos e a família se muda para Alemanha em busca de tratamento. Permanecem na Alemanha de 1928 a 1929, onde Burle Marx entra em contato com as vanguardas artísticas. Lá conheceu um Jardim Botânico com uma estufa mantendo vegetação brasileira, pela qual ficou fascinado.

As diversas exposições que visitou e, dentre as mais importantes a de Picasso, Matisse, Paul Klee e Van Gogh, lhe causaram grande impressão, levando-o à decisão de estudar pintura.

## **Formação**

Durante a estada na Alemanha, Burle Marx estuda pintura no ateliê de Degner Klemn. De volta ao Rio de Janeiro, em 1930, Lucio Costa, que era seu amigo e vizinho do Leme, o incentiva a ingressar na Escola Nacional de Belas Artes, atual Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Burle Marx convive na universidade com aqueles que se tornariam reconhecidos na arquitetura moderna brasileira: Oscar Niemeyer, Hélio Uchôa e Milton Roberto, entre outros.

Durante os anos 30 foi diretor do Departamento de Parques e Jardins de Pernambuco, onde ainda lidava com um trabalho de inspiração levemente eclética. Nesse cargo, faz uso intenso da vegetação nativa nacional e começa a ganhar certo renome, sendo convidado a projetar os jardins do Edifício Gustavo Capanema (então Ministério da Educação e da Saúde).

## **Ruptura e modernidade**

Sua participação na definição da Arquitetura Moderna Brasileira foi fundamental, tendo participado das equipes responsáveis por diversos projetos célebres. O terraço-jardim que projetou para o Edifício Gustavo Capanema é considerado um marco de ruptura no paisagismo brasileiro. Definido por vegetação nativa e formas sinuosas, o jardim (com espaços contemplativos e de estar) possuía uma configuração inédita no país e no mundo.

A partir daí, Burle Marx passará a trabalhar com uma linguagem bastante orgânica e evolutiva identificando-a muito com vanguardas artísticas como a arte abstrata, o concretismo, o construtivismo, entre outras. As plantas baixas de seus projetos lembram em muitas vezes telas abstratas, nas quais os espaços criados privilegiaram a formação de recantos e caminhos através dos elementos de vegetação nativa.

## **Burle Marx: ele deu vida ao cinza das cidades**

*Este ano é comemorado o centenário do paisagista, que com seus jardins emprestou um outro sentido à arquitetura.*

O paisagista Roberto Burle Marx, que morreu em 1994, tornou-se referência em saber fundir o verde e o concreto. No ano em que completaria 100 anos (ele nasceu em 4 de agosto de 1909), suas obras voltam a ser realçadas. No Rio de Janeiro, 88 jardins

idealizados por ele estão sendo tombados. Algumas obras são públicas, como o calçadão de Copacabana e o parque no Aterro do Flamengo, e outras são privadas, como o jardim na residência de Roberto Marinho.

Burle Marx tem ainda outros 25 jardins já tombados em outras cidades do país. Em boa parte deles, rompeu com o paradigma de que o verde e o concreto não eram harmônicos. Segundo o arquiteto Washington Fajardo, esse foi o grande diferencial do paisagista. “Ele incorporou com maestria elementos com vida e sem vida. A composição entre a botânica, fazendo-a dialogar com o concreto e as pedras, transformou seu trabalho em obras de arte”, definiu.

Para Fajardo – arquiteto, define Burle Marx como paisagista e artista plástico, mas, sobretudo, arquiteto. Neste perfil, o compara a Oscar Niemeyer, e vai além: acha que os dois se complementavam. “O Niemeyer é o nosso mestre da arquitetura do concreto armado e podemos dizer que o Burle Marx é o nosso mestre da arquitetura dos jardins. Neste aspecto, eles estão em campos complementares. E Brasília foi o grande exemplo disso: na capital federal, há uma articulação muito harmônica entre estas duas linhas de trabalho”, avaliou.

Para o arquiteto, e também subsecretário de patrimônio cultural, intervenção urbana, arquitetura e design da Prefeitura do Rio, Burle Marx deixou como herança um pensamento paisagístico brasileiro. Concretamente, seus conceitos ainda sobrevivem através de seu escritório – hoje comandado pelo arquiteto Haruyoshi Ono. “Seu legado está bem vivo, o que é raro na história dos escritórios de arquitetura brasileiros. Isso é totalmente oposto do que acontece nos Estados Unidos, onde você tem escritórios de arquitetura centenários. Os titulares já morreram e aquilo se constitui em uma empresa, com princípios que continua pelo tempo. Neste aspecto, a escola Burle Marx está mais viva do que nunca”, diz Washington Fajardo.

Em 1985, Burle Marx doa a propriedade ao governo federal. Seu grande sonho é criar ali uma escola para jardineiros e botânicos, e abrir o sítio à visitação pública. Mas é somente após a sua morte, ocorrida em 1994, aos 82 anos de idade, que os seus últimos projetos florescem. Graças ao empenho de sua equipe, o sítio, agora batizado com o seu nome, recebe visitantes do Brasil e do mundo.

## Cronologia

- **1909** - nasce Burle Marx em 5 de agosto, em São Paulo
- **1913**- Muda-se com a família para o Rio de Janeiro, onde fixam domicílio
- **1928 a 1929** - Vive período na Alemanha com a família
- **1930 a 1934** - Ingressa e frequenta a Escola Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro
- **1932** - Primeiro projeto de paisagismo para a residência da família Schwartz no Rio de Janeiro
- **1934** - Assume a Diretoria de Parques e Jardins do Recife, projeta praças e jardins públicos
- **1937** - Cria o primeiro Parque Ecológico do Recife
- **1949** - Adquire um sítio de 365.000 m<sup>2</sup>, em Guaratiba, RJ, onde abriga uma grande coleção de plantas

- **1953** - Projeta os Jardins da Cidade Universitária da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro
- **1953** - Projeta o Jardim do Aeroporto da Pampulha, em Belo Horizonte
- **1954** - Realiza o projeto paisagístico para o Parque Ibirapuera, em São Paulo, SP (não executado)
- **1955** - Projeta o paisagismo do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM/RJ
- **1960** - Projeta o paisagismo para o Eixo Monumental de Brasília
- **1961** - Paisagismo do Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro
- **1968** - Projeta o paisagismo da Embaixada do Brasil em Washington (Estados Unidos) -
- **1970** - Projeta o paisagismo do Palácio Karnak, sede oficial do Governo do Piauí.
- **1971** - Recebe a Comenda da Ordem do Rio Branco do Itamaraty em Brasília
- **1982** - Recebe o título Doutor honoris causa da Academia Real de Belas Artes de Haia (Holanda)
- **1982** - Recebe o título Doutor honoris causa do Royal College of Art em Londres (Inglaterra)
- **1985** - Doou seu sítio de Guaratiba com seu acervo ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN (na ocasião se chamava Fundação Nacional Pró Memória)
- **1994** - Morre no Rio de Janeiro, em 04 de junho, tendo projetado mais de 2.000 jardins ao longo de sua vida.